



LITERATURA COUTIANA: ECOS DE PRESERVAÇÃO DAS TRADIÇÕES DE UM POVO

COUTIAN LITERATURE: ECHOES OF PRESERVING THE TRADITIONS OF A PEOPLE

Aldeci Nardes Silva*

* aldeci.nardes@usp.br
Doutoranda em Estudo do discurso literário: análise comparativo-discursiva de Buriti, de João Guimarães Rosa; e de Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra, de Mia Couto, pela Universidade de São Paulo (USP), e mestra em Linguística pela Universidade Cruzeiro do Sul (UNICSUL). Atua como orientadora de projeto integrador na graduação da Universidade Virtual do Estado de São Paulo (UNIVESP) e como professora de língua portuguesa na educação básica nas redes estadual e municipal de São Paulo.

RESUMO: Nosso propósito, com este trabalho, é estudar os feitos da exploração capitalista em Luar-do-Chão, uma ilha fictícia do romance *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, de Mia Couto (2003). Herança da colonização portuguesa, a exploração capitalista continua mesmo após a independência do país, cujo enredo é atravessado pelas histórias de Moçambique, país natal do escritor. Analisamos o discurso literário, sobretudo o hibridismo caracterizado pelo gênero discursivo carta no romance coutiano. As concepções bakhtinianas sobre a teoria do romance e a cronotopia, junto aos estudos sobre o gênero epistolar, nos auxiliam neste trabalho, alicerçado por duas cartas da obra. Pesquisamos a exploração capitalista representada, as condições e formas em que ocorrem. O estudo faz parte da nossa tese de doutoramento, que se encontra em andamento.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura africana; Colonização; Epístolas; Ritual fúnebre; Assimilação.

ABSTRACT: Our purpose, with this work, is to study the deeds of capitalist exploitation in Luar-do-Chão, a fictional island in the novel *A river called time, a house called land*, by Mia Couto (2003). A legacy of Portuguese colonization, capitalist exploitation continues even after the country's independence, whose plot is crossed by stories from Mozambique, the writer's home country. We analyzed the literary discourse, especially the hybridism characterized by the discursive genre letter in the Coutian novel. Bakhtinian concepts on the theory of the novel and chronotopy and studies on the epistolary genre help us in this work, supported by two letters from the work. We research the represented capitalist exploitation, the conditions and forms in which it occurs. The study is part of our doctoral thesis, which is in progress.

KEYWORDS: African literature; Colonization; Epistles; Funeral ritual; Assimilation.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, pesquisamos duas cartas e trechos esparsos do romance *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, do moçambicano Mia Couto (2003). Nosso propósito é estudar a exploração capitalista em Luar-do-Chão, uma ilha fictícia dentro da obra. As epístolas, gênero discursivo recorrente em romances do autor, assumem um papel preponderante neste trabalho. Nele, as cartas são o fio condutor no enredo: objetivos são traçados e fatos são introduzidos, de modo a direcionar acontecimentos e desvendar mistérios. As epístolas, então, dinamizam as relações que se desenrolam dentro da história. O *corpus* desse trabalho compõe a base de estudo da nossa pesquisa de doutoramento em curso, que envolve a obra de João Guimarães Rosa, intitulada *Buriti*; e a obra de Mia Couto, *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*.

No romance coutiano, o jovem Mariano Malta, que mora na capital, em função dos estudos, recebe a incumbência de regressar à terra natal para comandar o ritual fúnebre do avô paterno. Dito Mariano planejou o próprio funeral antes de morrer e indicou o neto como executor. As orientações ao jovem aparecem em cartas ao longo da história. O ritual fúnebre é um acontecimento simbólico, que reúne parentes vindos de várias partes do país para homenagear o falecido. A cerimônia também representa

um renascimento para a família, que enxerga na reunião a possibilidade de trazer normalidade para suas vidas, contendo os sobressaltos da época da colonização, que ainda persistem na ilha, apesar de o país ter conquistado sua independência de Portugal. Não por coincidência, a história de Moçambique, país natal de Mia Couto, atravessa o enredo do romance, tendo em comum o mesmo colonizador e as consequências decorrentes de anos de ocupação.

Nas missivas, Dito Mariano guia o neto na condução do funeral, focando principalmente na resolução de problemas que afetam sua família e habitantes do lugar, como a violência que invadiu Luar-do-Chão, trazendo consigo ameaças à ruptura das tradições locais sobre a morte e expropriação de bens e recursos. As cartas exercem, então, um papel ativo na relação entre os dois indivíduos, tendo repercussão diversa entre os demais. Dulcineusa, esposa do falecido, ajuda o jovem na tarefa de cumprir a vontade do marido, mas se depara com a resistência de Último, filho caçula do casal. “Eu não confio em mais nenhum. Só em você, meu neto, só em você eu deito confianças [...]”, confessa a avó (COUTO, 2003, p. 33).

Desde que desembarcou em Luar-do-Chão, Mariano Malta vem se defrontando com atribuições para si, relacionadas a situações que já vinham acontecendo no local

antes da morte do avô, envolvendo parentes que chegam para o enterro. O problema é a especulação financeira na ilha, capitaneada por Últmio, filho caçula do falecido. Os especuladores são contra o ritual fúnebre; querem que a tradição seja cessada para que possam acelerar o ritmo das investidas. Últmio e o grupo que representa agem para que o sepultamento seja rápido, suprimindo etapas, pois assim executariam, imediatamente após o enterro do patriarca, os planos de negócio que incluem a casa da família.

Concepções teóricas de Mikhail Bakhtin (2002, 2011, 2013, 2016, 2018) sobre a teoria do romance e cronotopia embasam o nosso estudo: analisar a natureza dos encontros, metafóricos ou reais, as inter-relações desenroladas no espaço-tempo e a construção de sentidos. Recorremos ainda a estudos da crítica literária e sobre o gênero discursivo epistolar, visto que a obra coutiana é fundada no caráter híbrido do gênero romanesco estudado por Bakhtin (2002). Ou seja, as cartas, entrelaçadas à estrutura da obra, articulam os discursos e dinamizam as ações no interior do enredo.

Das categorias cronotópicas estudadas por Bakhtin (2018), o cronotopo da estrada é uma que elegemos para o estudo, por simbolizar “caminhos” que os indivíduos seguem, entrecruzando o espaço e o tempo das vivências

de cada um. As ações se desenrolam em Luar-do-Chão, um lugar separado do país pelo rio Madzimi, o único meio de ligação da ilha à capital e ao resto do país. A metáfora do rio, como caminho que une e alimenta as duas margens, é a estrada que entrelaça a todos, que se relacionam dentro e fora da ilha, de forma axiológica-emocional.

1 PERIGO À ESPREITA

Quando Dito Mariano arquiteta o próprio enterro, seu alvo vai além do funeral: alcança a manutenção das tradições locais sobre a morte e os valores familiares. Seu intuito é também identificar e desbaratar acontecimentos estranhos e escusos que vinham amedrontando Luar-do-Chão, um lugar até então pacato, habitado por nativos humildes. Dito Mariano busca, sobretudo, segurança para membros da família que nunca saíram da ilha, desconhecem qualquer outra realidade e, por isso, via-os indefesos, incapazes de reagir às ameaças que chegam de fora, pelo rio Madzimi, e articuladas por dentro pelo poder público local.

Assim, como já não estaria mais presente para transmitir as informações ao neto e orientá-lo na direção a ser seguida, as epístolas foram a alternativa encontrada pelo agora falecido para implementar o que planejou. A organização do plano, então, foi feita por cartas, um gênero discursivo democrático, acessível e de grande importância social.

André Comte-Sponville (1997, p. 35) concorda que a carta, de fato, assume a função de uma conversa e entre as suas finalidades está a de superar a ausência; o pesquisador explica que as “[...] pessoas se escrevem porque não podem falar-se: o mais das vezes por causa da distância, da separação, de um espaço que as falas não podem transpor. Como por ocasião de uma viagem ou de um exílio”.

As missivas funcionam, então, como conversas entre duas pessoas que se amam e se respeitam, portanto, uma relação de credibilidade, de confiança, envolvendo assuntos de alguma relevância para ambos. No romance coutiano, Dito Mariano enfatiza que “[...] estas cartas, Mariano, não são escritos. São falas. Sente-se, se deixe em bastante sossego e escute [...]” (COUTO, 2003, p. 64). As missivas representam, então, as falas do falecido; elas municiam o neto e o orientam na direção do que foi pensado para essa ocasião.

Assim como acontece na criação de Mia Couto, a importância das cartas para a comunicação cotidiana vem sendo atestada já há muito tempo, desde a Antiguidade. O filósofo e historiador francês Michel Foucault (2004, p. 153) está entre os que ressaltam a relevância das epístolas como meio de interlocução entre pessoas. Para esse teórico, elas são uma troca genuína entre parceiros que

escrevem para driblar a distância e falar o que diriam se estivessem conversando um de frente para o outro. Além disso, as cartas revelam um olhar atento do emissor ao seu interlocutor e vice-versa. É, também, um jeito do receptor se enxergar através do olhar do outro. “Escrever é, portanto, ‘se mostrar’, se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro” (FOUCAULT, 2004, p. 156).

Pensando no romance coutiano, o enunciador certamente considerou que o seu interlocutor compreenderia o enunciado reportado nas cartas que, na condição de receptor/ouvinte, ocupa posição ativa e responsiva diante do assunto tratado: a união e segurança da família. De acordo com Bakhtin (2016, p. 25), a

[...] posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante. [...] A compreensão passiva do significado do discurso ouvido é apenas um momento abstrato de compreensão ativamente responsiva real e plena, que se atualiza na subsequente resposta [...]

Mariano Malta se surpreende com as cartas, pois antes de desembarcar na ilha não suspeitava da existência delas. As epístolas passaram a funcionar como uma bússola para a execução das incumbências, mas, para além disso,

elas representam um manancial de revelações sobre o avô e sobre parentes. O jovem se sente como se de fato conversasse com o falecido e recebesse orientações para as tarefas. Na carta sete, Dito Mariano encoraja o rapaz dizendo: “[...] você, meu neto, está cumprindo bem. Amparando sua Avó, sossegando os seus tios, amolecendo medos e fantasmas [...]” (COUTO, 2003, p. 198).

No Império Romano, ano 4 antes de Cristo (a.C.), o filósofo Lúcio Aneu Sêneca era especialista em escrever correspondências; frequentemente trocava cartas com o amigo Lucílio, com quem debatia assuntos da sociedade da época. Sêneca (2017, p. 161-162) afirma que na humanidade há pessoas com a maldade entranhada; possuem o “dom” de manipular e o exerce com desenvoltura. Alguns, ressalta o filósofo, só não manifestam essa habilidade de imediato porque desconhecem “meios” para a implementar; porém, essa realidade muda quando adquirem “poderes”. A ideia, segundo o filósofo, é que o poder ativa o “germe” da maldade e demais elementos nela embutidos, transformando tais habilidades latentes em prática. Para Sêneca (2017, p. 161-162), “[...] sua crueldade, ambição e indulgência só necessitam o favor da fortuna para fazê-los cometer crimes que igualariam ao pior. Que seus desejos são os mesmos você descobrirá em um momento, desta maneira: dê-lhes o poder igual a seus desejos”.

As cartas recebidas por Mariano Malta desempenham um papel parecido ao que relatam Foucault e Sêneca. Por elas, o falecido o alerta sobre as ameaças vindas de fora, que entram na ilha pelas manobras de Últímio, seu filho caçula, que mora na cidade, mas que atua em negócios obscuros na terra natal. Agora, Últímio regressa à ilha não para o funeral do pai e, sim, para fechar outros negócios e intensificar as investidas que já vinha executando. Seguindo a tradição sobre a morte, a família retira o teto da sala onde o defunto é velado, mas Últímio se enfurece com a prática: “É que isto assim desvaloriza a propriedade [...]” (COUTO, 2003, p. 151). Este era, aliás, um dos temores de Dito Mariano, a ambição desmedida do caçula.

Mariano fica estarrecido com as palavras do tio, principalmente porque o avô nem foi enterrado. Irritado, Últímio quer que o funeral seja finalizado para que possa desfazer da casa da família. Sim, seus planos, que estão em curso, incluem o desalojamento dos familiares, vender a “Nyumba-Kaya a investidores estrangeiros. Ali se faria um hotel” (COUTO, 2003, p. 151). Dito Mariano antevia que isso pudesse acontecer no seu funeral. Calculava que os interessados se aproveitariam da fragilidade do momento, ocasionada pela perda, para romper com as tradições, que visa alimentar conflitos e dividir a família.

Nas “conversas” com o neto, Dito Mariano aborda as suspeitas relacionadas a Últímio, as anormalidades que acontecem na ilha e as razões da convocação de Mariano Malta para o funeral: “Quem o convocou foi a morte de todo este lugar. Luar-do-Chão começou a morrer foi quando assassinaram meu amigo Juca Sabão” (COUTO, 2003, p. 171). O idoso Juca Sabão foi morto brutalmente a tiros na ilha, sem motivo aparente. O assassinato nunca foi esclarecido. O medo toma conta do lugar, o perigo parece estar em toda parte.

Em *Os condenados da terra*, o filósofo martinicano Frantz Fanon (1968) nos alerta que a violência que marca o mundo colonizado tende a continuar no pós-independência, em razão da destruição promovida nos sistemas de governo e nas estruturas sociais. A devastação prolongada afeta fortemente os “[...] sistemas de referências da economia, os modos da aparência e do vestuário [...]”, conta Fanon (1968, p. 30), resultando em um saldo desolador.

O filósofo martinicano chama atenção para a profundidade do desmonte, uma vez que a descolonização requer trabalho árduo, às vezes demorado, envolvendo a nação e as esferas de poder. A consciência da ruptura do regime de governo precisa estar clara para “[...] cada um dos indivíduos que constituem o povo colonizado [...]” (FANON,

1968, p. 30). Entendendo isso, o colonizado percebe que a “[...] pele de colono não vale mais do que uma pele de indígena [...]”, acrescenta Fanon (1968, p. 30), pois, afinal, é justo que o colono ocupe o espaço que é seu. O pensador assegura que “[...] desmanchar o mundo colonial não significa que depois da abolição das fronteiras se vão abrir vias de passagem entre as duas zonas. Destruir o mundo colonial é, nem mais nem menos, abolir uma zona, enterrá-la profundamente no solo ou expulsá-la do território” (FANON, 1968, p. 30).

As atividades ilícitas em Luar-do-Chão, apontando o envolvimento de Últímio, levaram Dito Mariano a concluir não ser seguro deixar o seu enterro nas mãos dos filhos, visto que o primogênito Abstinência e o do meio, Fulano Malta, desconfiam do irmão mais novo, Últímio. Fulano Malta refere-se ao caçula como “satanhoco”, em razão de sua ganância (COUTO, 2003, p. 168). Então, o neto Mariano Malta recebe a incumbência de cuidar do funeral, resolver os conflitos entre os irmãos e esclarecer questões relacionadas à violência na ilha.

Você não veio a esta ilha para comparecer perante um funeral. Muito ao contrário, Mariano. Você cruzou essas águas por motivo de um nascimento. Para colocar o nosso mundo no devido lugar. Não veio salvar o morto. Veio

salvar a vida, a nossa vida. Todos aqui estão morrendo não por doença, mas por desmérito do viver. (COUTO, 2003, p. 64)

Dos três irmãos, Últmio é o único que mora fora, na capital. Lá fez fortuna com negócios obscuros. Quase nunca regressa ao local de nascença, não tem afeto, pensa apenas em ganhar dinheiro; não vê problema em desfazer do principal bem da família, a casa que agrega a todos: a viúva Dulcineusa; sua irmã Admirança (cunhada do falecido); Abstinêncio, o primogênito do casal; e Fulano Malta, filho do meio, pai de Mariano Malta.

As cartas contêm orientação, indicam pistas que Mariano Malta decifra percorrendo “caminhos” para cumprir a missão confiada. Nas epístolas, o avô reafirma o desejo a ser realizado e os desafios que o neto enfrentará.

É por isso que visitará estas cartas e encontrará não a folha escrita, mas um vazio que você mesmo irá preencher, com suas caligrafias. Como se diz aqui: feridas da boca se curam com a própria saliva. Esse é o serviço que vamos cumprir aqui, você e eu, de um e outro lado das palavras. Eu dou as vozes, você dá a escritura. Para salvarmos Luar-do-Chão, o lugar onde ainda vamos nascendo.

E salvarmos nossa família, que é o lugar onde somos eternos. (COUTO, 2003, p. 65)

O jovem compreende as mensagens do avô, enxerga-as entrelaçadas a outras, de outros tempos e lugar, formando cadeia, levando-o a entender as direções e os motivos apontados. As decisões e estradas indicadas estão imbricadas, explicitando respostas, réplicas discursivas imersas em inter-relações envoltas no espaço-tempo, conexão que ele e demais pessoas estão submetidos de algum modo. A esse respeito, Bakhtin (2016, p. 25) explica que “[...] cedo ou tarde, o que foi ouvido e ativamente entendido responde nos discursos subsequentes ou no comportamento do ouvinte”. A trama discursiva vai ganhando sentido à medida que as cartas e os interlocutores vão sendo acessados e revelados.

2 EXPLORAÇÃO CAPITAL

A especulação financeira em Luar-do-Chão é um dos problemas. É movida pela iniciativa privada, em parceria com a administração pública local. As ações incluem a exploração predatória da força humana, relações comerciais e extração clandestina de produtos naturais, como madeira. Um barco público, precário, destinado ao transporte de pessoas para as margens do rio Madzimi, tem função

desviada. Os bens, extraídos ilegalmente, são escoados pelo grupo, visando o próprio lucro e de agentes públicos.

Na era colonial, o regime português adotou a política de assimilação, que impunha a língua, sua cultura e os valores aos colonizados. Em *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, dados históricos do país natal do autor-criador atravessam a obra. Assim como em Moçambique, em Luar-do-Chão, na família Mariano também havia adeptos da política de assimilação implantada pelo colonizador. Últmio, por desejar uma vida diferente, se tornou assimilado. Passou a renegar o lugar em que nasceu e a própria família. Em uma das cartas, Dito Mariano conta que, dos três filhos, apenas Fulano Malta não aceitou o chamado português. “Abstinêncio e Últmio aceitaram logo, se inscreveram, preencheram papeladas. Fulano não” (COUTO, 2003, p. 65-66). Contrário, Fulano Malta foi lutar na guerra de libertação.

E assim, buscando riqueza a todo custo, Últmio se alia a grupos de exploração capitalista, de dentro e fora da ilha, em ações que revelam seus intentos incorporadores, despojando até pertences familiares. Últmio vai além: as investidas alcançam o território de Luar-do-Chão. Requerimentos para “[...] um negócio de minas, pesquisa de areias pesadas [...]” (COUTO, 2003, p. 63), já estavam na

administração, em uma das frentes de ação. Por morar na capital, o caçula dos Mariano se sente superior aos “com-patriotas”, por isso se vê credenciado a agir como quiser. As investidas e demais irregularidades o poder público local lhe garantem.

Abstinêncio, que também aderiu à política de assimilação, foi admitido, na época, para trabalhar na administração pública de Luar-do-Chão, posição que muito almejava. Porém, sua permanência foi rápida; foi demitido por questionar a extração e exportação de madeira de sua terra e por indagar o destino dos recursos das transações. O rapaz ficou depressivo, não arrumou mais trabalho. Ao sobrinho Mariano Malta, o tio conta que “[...] estavam desmatando tudo, até a floresta sagrada tinham abatido. A Ilha estava quase dessombreada [...]” (COUTO, 2003, p. 213). Antes da demissão, o funcionário fora advertido pela gestão pública, que ordenara a “[...] separação de negócios privados e actividades públicas [...]”, acrescenta o rapaz (COUTO, 2003, p. 213).

Dulcineusa, mãe de Abstinêncio, é outra vítima de exploradores na ilha. Quando jovem, trabalhava na fábrica, manipulando caju, as suas seivas corrosivas, e beneficiando as castanhas (COUTO, 2003, p. 48). Lá, Dulcineusa e Dito Mariano se conheceram e se casaram. Com o tempo,

o ácido da polpa de caju passou a corroer suas mãos, tornando-as carcomidas, problema que carrega pela vida. O fato causa irritação nos filhos, menos em Último, que não se incomoda. Quando o tio foi visitar Mariano na faculdade, lá encontrou o irmão Fulano Malta. Levou vinho e castanha de caju. Serviu-se de ambos, comia e bebia descontraído, fato que irritou Fulano Malta, que confessou que “[...] lhe dava um aperto recordar como as mãos dela foram perdendo formato, dissolvidas pela grande fábrica, sacrificadas para seus filhos se tornarem homens” (COUTO, 2003, p. 76).

O romance coutiano encontra ressonância em Fanon (2008), que discorre sobre a exploração humana em nome de ganhos capitais. O filósofo atesta que “[...] todas as formas de exploração são idênticas, pois todas elas são aplicadas a um mesmo ‘objeto’: o homem” (FANON, 2008, p. 87). Ou seja, o mundo capitalista não vê o ser humano; enxerga apenas o próprio enriquecimento, o acúmulo de capital. Para o pensador, é urgente eliminar a lógica de exploração humana, pelo fato de um homem se achar superior a outro e se sentir no direito de explorá-lo.

Em Luar-do-Chão, os habitantes conhecem bem a lógica da exploração capitalista, conviveram com ela na colonização e na atualidade, mesmo depois da independência.

Assim, faz sentido a fala do martinicano, segundo a qual: “O colono e o colonizado são velhos conhecidos [...]” (FANON, 1968, p. 26). Sim, eles se conhecem. E, embora o agir seja diferente, a essência permanece. O filósofo, então, alerta: “É o colono que fez e continua a fazer o colonizado [...]” (FANON, 1968, p. 26).

Refletindo sobre as teorias marxistas, Abdias do Nascimento (1980, p. 169-170) fala do tratamento desumanizado dado ao colonizado (sobretudo ao negro) pelo colonizador europeu nos territórios que ocupou. O escritor lembra que é errônea a comparação feita sobre as práticas do colonizador com o marxismo, equiparando os colonizados a “bens”, maquinários fabris ou ferramentas agrícolas. Considera inadequada a análise de Karl Marx, baseada no modelo socioeconômico inglês do início do capitalismo industrial, nas décadas de 1750 e 1760. Na visão de Nascimento (1980, p. 170),

[...] nós os negro-africanos fomos as vítimas do processo capitalista e fomos novamente as vítimas daqueles que supostamente combatem o capitalismo na área industrializada do euro-norte-americanismo. A análise de Marx foi induzida da realidade sócio-econômica da Inglaterra, nos primórdios da industrialização capitalista.

As reflexões do escritor dialogam com a abordagem capitalista feita por Couto (2003) na obra aqui analisada. Elas vão da busca desenfreada por ganhos capitais, como aparece no romance, ao acúmulo de riquezas. A exploração capitalista varia da desumanização da mão de obra humana à extração de produtos, muitas vezes clandestina, e escoamento irregular.

Nascimento (1980) lembra que o desenvolvimento da indústria capitalista e o seu enriquecimento se deu graças à mão de obra escrava ou mal remunerada. Nas palavras desse escritor, os exploradores tiveram o seu lucro “[...] adubado pelo racismo e a exploração econômica da África e da Ásia [...]” (NASCIMENTO, 1980, p. 170), uma realidade que transcende as fronteiras dos continentes.

Na América Latina, o Brasil se depara, ainda hoje, com inúmeros casos de trabalho escravo. Em 2023 a Justiça do Trabalho resgatou centenas de trabalhadores em condições análogas à escravidão. Assim, seguindo as reflexões de Nascimento (1980, p. 169) e Fanon (1968, 2008), o tratamento objetificado do negro e do pobre não cessou com a independência das colônias; apenas mudou de forma, adaptando-se às regras do capitalismo contemporâneo que impera ao redor do mundo.

Na obra coutiana, *Ultímio espelha* a representação do indivíduo que assimila cultura e valores externos em detrimento dos seus, herdados da família e do lugar em que nasceu. Suas ideias são compartilhadas com espoliadores, parceiros que acumulam riqueza, levando miséria aos moradores locais.

Sobre a expansão e domínio capitais, o sociólogo Boaventura de Sousa Santos (2002) classifica a década de 1970 como o período em que o capitalismo se tornou organizado no cenário mundial e ainda mais pujante. Foi nessa época que alguns países africanos deixaram de ser colônia europeia, caso de Angola e Moçambique.

O português ressalta que a produção capitalista foi capaz de “[...] dominar todos os aspectos da vida social e ter conseguido neutralizar os seus inimigos tradicionais (o movimento sindical, o activismo operário, as relações sociais não-mercantilizadas)” (SANTOS, 2002, p. 153). Para o sociólogo, o cenário mundial contemporâneo é de degradação acentuada das relações sociais, elevação extrema da pobreza e diminuição de recursos para políticas públicas, entre outros fatores.

A exploração capitalista em *Luar-do-Chão* também não cessa. O barco público trafega sobrecarregado com

produtos clandestinos, prática que torna os “acidentes” previsíveis, como incêndios. Um dos incêndios aconteceu durante o funeral de Dito Mariano, estando Últmio entre os feridos sem gravidade. Ele atuava no cais, no embarque de mercadorias clandestinas, de seu interesse, para a capital.

No cais, Mariano Malta e Abstinêncio observam o incêndio na margem do rio Madzimi, na entrada de acesso de passageiros e na área de desembarque. Há tumulto; agentes trabalham para conter o incêndio, outros socorrem vítimas. “Vê aquelas chamas espelhadas no rio? Acha que aquilo é apenas um barco que está a arder?”, indaga Abstinêncio, alertando o sobrinho (COUTO, 2003, p. 214). Então, não há novidade. Naufrágio e outros “acidentes” têm sido frequentes na ilha. Convicto, Abstinêncio entende que há sangue da família entre os responsáveis.

Desse modo, a representação romanesca é atravessada pela realidade, com quem dialoga no tempo e no espaço das ocorrências. As vivências das personagens atravessam instâncias do espaço-tempo e reverberam acontecimentos. Nas palavras de Mikhail Bakhtin (2018, p. 218), ocorrências de um lugar, dadas em determinado tempo-espaço, nunca se restringem ao indivíduo unicamente: alcançam pessoas em diferentes esferas sociais e as

relações, que são dialógicas, se entrelaçam. Discursivamente, todas são afetadas, seja respondendo ao discurso diretamente, seja por meio de réplicas ou tréplicas ou ainda de forma indireta. As relações dialógicas se propagam no tempo e no espaço das relações.

Pensando nos conceitos bakhtinianos, o cronotopo da estrada se revela nas vivências dos habitantes de Luaredo-Chão e dos visitantes; representado na espacialidade local, nos deslocamentos, nas inter-relações, nos afazeres e nos acontecimentos entrelaçados de forma distinta. “Na estrada (a ‘grande estrada’) cruzam-se num ponto espaçotemporal os caminhos percorridos no espaço e no tempo por uma grande diversidade de pessoas [...]” (BAKHTIN, 2018, p. 218).

As cartas do falecido ao neto revelam estradas metafóricas: compreensão, obstáculos, caminhos. Na primeira missiva o avô o saúda, transmite ansiedade, sentido de urgência, preocupação quanto à missão delegada: “Ainda bem que chegou, Mariano. Você vai enfrentar desafios maiores que as suas forças” (COUTO, 2003, p. 56). Noutro trecho, Mariano e a avó conversam, recordam um passado distante, quando ele foi estudar na cidade, “[...] os ares da tarde, as cores do céu, o precoce despertar da lua. E, sobretudo, o ter surpreendido o velho Mariano a chorar”

(COUTO, 2003, p. 45). Tudo se mistura às vivências do presente, o funeral e os encontros, literais ou não.

Indícios do tempo presente no espaço, na arquitetura da ilha, em monumentos, na paisagem cotidiana, as imagens do rio Madzimi, as suas margens e sua significância para a população, as suas nascentes e os seus afluentes, as transformações naturais ou provocadas compõem a cronotopia da estrada. Bakhtin (2018, p. 218) revela que

O tempo como que deságua no espaço e por ele flui (formando caminhos). Daí a tão rica metaforização do caminho-estrada: “a estrada da vida”, “pegar uma nova estrada”, “a via histórica”, etc.; a metaforização da estrada é variada e de múltiplos planos, mas o suporte basilar é o fluxo do tempo.

As vivências de Últímio e Mariano são outros exemplos. Embora sejam parentes e se encontrem no mesmo espaço, as estradas e os encontros são distintos, devido às ações e escolhas que fazem. Seus quereres, crenças e valores são, na maioria das vezes, antagônicos. Assim, a vida de cada um, o acaso dos acontecimentos, as opções e os caminhos trilhados configuram o cronotopo da estrada, que leva ao cronotopo do encontro. Neles, ações e ocorrências se entrecruzam dialogicamente, atravessam espaços, tempos diversos das vivências humanas.

Mesmo sabendo que Últímio quer despojar bens da família, Mariano Malta se mantém apaziguador, prega aos parentes a importância de unir a família e atender a vontade do avô. Últímio “[...] não aceitava que eu, moldado e educado na cidade, não me opusesse. Para ele, aquilo era obsoleto. Outros valores nele se avolumam”, conta Mariano (COUTO, 2003, p. 151). Para o tio, em Luar-do-Chão “só mora o passado”; assim vende a casa para a família ter “um futuro promissor”: para que “interessa manter esta porcaria?”, diz, referindo-se à casa do pai. Então, Mariano reage: “Nyumba-Kaya não poderia sair das nossas mãos, afastar-se de nossas vidas. Últímio ri-se. Para ele não sou mais que o miúdo que ele sempre conhecera. Ainda por cima continuo recusando os convites que me faz para ser gestor dos seus negócios” (COUTO, 2003, p. 151).

Assim, com posicionamento e argumentos firmes, Mariano mostra ao parente que o diálogo é fundamental, mas que certos pontos são inegociáveis. Isso fica claro com o motivo do impasse, que causa repulsa aos familiares.

3 ESTRANGEIRO NA PRÓPRIA TERRA

Crítico e inconformado, Fulano Malta nunca aceitou a forma como o regime colonial tratava sua terra e lutou, de fato, para mudar o que via como inaceitável. Decidiu, então, deixar os pais, irmãos e a esposa para se unir aos

guerrilheiros independentistas que combatiam a colonização que havia anos devastava o país. Conquistada a independência, Fulano Malta foi recebido como herói na ilha onde nasceu, anos depois de sua partida, sem que a família tivesse qualquer notícia.

As expectativas que sucederam à luta, passando pelo governo de transição, que durou um ano, deram lugar ao desencanto, à decepção, ao desgosto pela política. Fulano Malta se recusou a participar do desfile para comemorar a vitória dos guerrilheiros, por considerá-lo uma farsa, pois entre o grupo que desfilava havia pessoas que não lutaram na guerra. Pensando nas conversas com o pai e conhecendo os valores que ele defende, Mariano Malta entende “[...] que a independência que mais vale é aquela que está dentro de nós. O que lhe apetecia celebrar era o vivermos por nosso mando e gosto” (COUTO, 2003, p. 73). Isso o pai lhe ensinou.

Na ficção coutiana, os discursos e as ações do governo no pós-independência são dissonantes ante o que pregava. Fulano Malta enxerga o distanciamento que se forma entre aquilo que os guerrilheiros queriam e os objetivos do grupo que agora governa. Considerando Bakhtin (2011, p. 271) e o discurso romanesco, entendemos que o ex-combatente compreende ativamente os enunciados

do governo dirigido ao grupo. Os enunciados entrelaçados levam a respostas plenas e responsivas, configurando réplica ou tréplica dos discursos.

Bakhtin (2011) salienta que tanto o sujeito que fala quanto o sujeito que escuta têm responsabilidade no discurso que se efetiva nessa “parceria”, até mesmo aquele que ouve e nada fala. A responsabilização se dá pela escuta, na enunciação, e a resposta pode se configurar pelo silêncio, por gestos, atitudes imediatas ou ainda por ações retardadas.

A esposa Mariavilhosa queria que Fulano Malta participasse da festa, mas ele se recusou; via a celebração de forma diferente da família e dos moradores da ilha. Para o ex-combatente, “Aqueles que, naquela tarde, desfilavam bem na frente, esses nunca se tinham sacrificado na luta” (COUTO, 2003, p. 73). Aliás, essas questões sempre o incomodaram. Mariano conta que quando seu pai era “[...] moço se sentira estranho em sua terra [...]”. Presumia-se que a colonização causara isso, mas, como a sensação perdurava, concluiu-se “[...] e hoje comprovava: não era de um país que ele era excluído. Era estrangeiro não numa nação, mas no mundo [...]” (COUTO, 2003, p. 74).

O posicionamento crítico, de natureza introvertida, de Fulano Malta consolidou-se após a morte da esposa e da partida do filho para a capital. Mariano observa que o pai ficou retraído; quase não saía da ilha, evitando até demonstrar afeto paternal. O filho sabia que os sentimentos paternos existiam, mas havia dificuldade em transmiti-los, por conta da inibição.

Dito Mariano diz que Fulano Malta percebia os acontecimentos ao seu redor e a eles nunca foi indiferente. Sua reação, então, é de “responsividade”, termo cunhado por Bakhtin (2011, p. 271) sobre os “[...] parceiros da comunicação discursiva [...]”, entre o falante e seu interlocutor. Os parceiros são indivíduos que apreendem os enunciados, “os escutam” de diferentes posições do espaço e do tempo, de áreas de atuação humana. “O falante e o ouvinte” assumem a responsabilidade discursiva no processo de enunciação, tanto aquele que fala quanto o que ouve, mesmo que aquele que escuta nada fale.

Na representação coutiana, a “interlocução responsiva” de Fulano Malta se revela em atitudes práticas: foi lutar na guerra pela independência do país. Mariano conta que o pai “[...] mal escutou que havia guerrilheiros lutando por acabar com o regime colonial, se lançou rio afora para se juntar aos independentistas” (COUTO, 2003, p. 72).

Assim, na posição de ouvinte, Fulano Malta nada disse; sua resposta ao interlocutor foi juntar-se aos combatentes. “Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva [...]; toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante” (BAKHTIN, 2011, p. 271). Ou seja, a compreensão discursiva entre os parceiros se efetiva por diversos meios, como os elementos extraverbais, que incluem o calar.

4 A ÚLTIMA FRONTEIRA

Encontros reais e metafóricos estão presentes no funeral de Dito Mariano, em enunciados que representam a atuação viva dos indivíduos. Acontecimentos locais entrelaçam as inter-relações discursivas, envolvendo tempos e espaços diferentes. Bakhtin (2002, p. 134-147) chama de plurilinguismo tais vivências e dinâmicas discursivas dos falantes; são falas que atravessam o discurso de outrem. O estudioso ressalta que essas falas abrangem o cotidiano dos sujeitos, tal como comunicar algo, indagar, convocar, refletir, supor, opinar, acatar, discordar, circunstâncias do viver real e suas intersecções.

[...] nossa fala contém em abundância palavras de outrem, transmitidas com todos os graus variáveis de precisão e imparcialidade. Quanto mais intensa, diferenciada e elevada for

a vida social de uma coletividade falante tanto mais a palavra do outro, o enunciado do outro, como objeto de uma comunicação interessada, de uma exegese, de uma discussão, de uma apreciação, de uma refutação, de um esforço, de um desenvolvimento posterior, etc., tem peso específico maior em todos os objetos do discurso. (BAKHTIN, 2002, p. 139)

Ecos de falas de Dito Mariano estão esparramados por Luar-do-Chão, em enunciados entrelaçados, sobretudo, no meio familiar e de amizade, como o do coveiro Curozero, filho de Juca Sabão. No ofício de abrir sepulturas, Curozero se depara com um fenômeno estranho: não consegue abrir a cova para enterrar Dito Mariano, nenhuma ferramenta penetra o solo. O evento assusta a todos no cemitério, preocupa, angustia.

Como premonição, Dito Mariano aborda o assunto em cartas, creditando a ocorrência a ações de desamor. Enrijecida, a terra também estaria morrendo, não aceitaria mais ninguém. É como se, em vida, o patriarca dos Mariano anteviesse os acontecimentos do seu funeral e agora acompanhasse o desenrolar em tempo real.

Esta terra começou a morrer no momento em que começamos a querer ser outros, de outra existência, de outro lugar. Luar-do-Chão morreu quando os que a governam deixaram de a

amar. Mas a terra não morre, nem o rio se suspende. Deixe, o chão voltará a abrir quando eu entrar, sereno, na minha morte. (COUTO, 2003, p. 195)

A crença do falecido é compartilhada pela família e pelos moradores. Abstinência, primogênito dos filhos, responsabiliza o irmão mais novo: “Foi sua culpa, Último, você é que traiu os mandamentos da tradição” (COUTO, 2003, p. 180). Os discursos vivos, proferidos no lugar, penetram as vivências, encontram outros, se entrelaçam, formando ecos: perguntas, respostas, ressonâncias.

Esta objetivação, que põe à prova a palavra persuasiva e a figura do falante, assume uma significação especialmente importante lá onde já se inicia um conflito entre eles, onde por meio dessa objetivação tenta-se escapar de sua influência, ou mesmo denunciá-los. Esse processo de luta com a palavra de outrem e sua influência é imenso na história da formação da consciência individual. Uma palavra, uma voz que é nossa, mas nascida de outrem, ou dialogicamente estimulada por ele, mais cedo ou mais tarde começará a se libertar do domínio da palavra do outro. (BAKHTIN, 2002, p. 147-148)

As vozes, que se espalham pelo espaço, reverberam outros discursos. É que os “[...] enunciados não são indiferentes entre si nem se bastam cada um a si mesmos;

uns conhecem aos outros e se refletem mutuamente uns nos outros [...]”, argumenta Bakhtin (2016, p. 57). Assim, Mariano Malta escuta os interlocutores, indaga, busca apaziguar conflitos plenos de tons dialógicos. As cartas facilitam a tarefa, o orientam: “[...] você, meu neto, está cumprindo bem. Amparando sua Avó, sossegando os seus tios, amolecendo medos e fantasmas. Está quase completo o que tinha que fazer junto da família. Quase. Falta, porém, ainda o mais doloroso” (COUTO, 2003, p. 198).

O desafio para sepultar o avô se torna grande. Quanto mais descoberta faz sobre o assunto, mais o jovem tem certeza de que necessita de apoio para contornar a situação. Além do suporte da avó Dulcineusa, é fundamental contar agora com o coveiro. Afinal, Curozero conhece bem o seu trabalho e domina as crenças e tradições do lugar em que nasceu, de onde jamais saiu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Representando o fio condutor do enredo de *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, as epístolas compõem uma face do estilo de Mia Couto de contar histórias. Às epístolas ronda um universo de possibilidades, que o escritor explora, agregando-as à sua estratégia de fazer literatura. Assim, o autor reúne à temática estruturante do romance um recurso comunicativo confiável, elementos

das tradições culturais e histórias do mundo real atravessando a criação. É isso que acontece na obra coutiana, com nove cartas entrelaçadas ao enredo. Além do planejamento fúnebre, as enunciações epistolares respondem pelos ingredientes que auxiliam a sustentação da história, como surpresas, revelações inesperadas, mistérios.

É grande, portanto, a relevância das cartas em *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*; as missivas norteiam o enredo: constroem sentidos, alteram direções, trazem revelações, aproximam. Fica, então, evidenciada a predileção de Mia Couto por cartas, tanto que as elege para compor a arquitetônica do trabalho, a exemplo do que faz em obras como *O bebedor de horizontes* e *Mulheres de cinza*. Na história da escrita literária, as cartas já reinavam em obras de muitos escritores; é o caso de Alexandr Pushkin, em 1836, com *A filha do capitão*; Gustave Flaubert e a sua *Madame Bovary*, de 1857, entre outros.

O francês André Comte-Sponville (1997, p. 39) entende que as cartas desempenham um papel importante no cotidiano, pois “[...] escreve-se no âmago do silêncio, aonde a fala quase não vai. Escreve-se onde se vive, onde se está, o mais próximo de si e do outro”. Ou seja, na ficção coutiana, as missivas exercem a função de comunicar, reunir, denunciar, esclarecer e, por fim, estreitar laços.

Para Foucault (2004), o objetivo da carta não é buscar ineditismo, o “não-dito”, e sim capturar marcas indelévels do “já-dito”. Foucault (2004, p. 156) argumenta que a meta do gênero discursivo é “[...] reunir o que se pôde ouvir ou ler, e isso com uma finalidade que nada mais é que a constituição de si”. As cartas, então, assumem a “missão” de revelar os “eus” dos parceiros do discurso, envolvidos na comunicação epistolar. Segundo Foucault (2004, p. 156), os “esforços” são para alcançar a “[...] subjetivação do discurso verdadeiro [...]”.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. O discurso no romance. In: **Questões de literatura e de estética** – a teoria do romance. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

_____. O enunciado como unidade da comunicação discursiva. Diferença entre essa unidade e as unidades da língua (palavras e orações). In: **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. **Os gêneros do discurso**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2016.

_____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

_____. **Teoria do romance II, as formas do tempo e do cronotopo**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2018.

COMTE-SPONVILLE, A. **Bom dia, angústia!**. Trad. Maria Ennantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

COUTO, M. **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

FANON, F. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

_____. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Renato da Silveira. Salvador: Edufba, 2008.

FOUCAULT, M. **Ética, sexualidade, política**. Trad. Elisa Monteiro; Inés Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

NASCIMENTO, A. do. **O quilombismo**. Petrópolis: Vozes, 1980.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SÊNECA. **Cartas de um estoico** – um guia para a vida feliz.
Trad. Alexandre Pires Vieira. São Paulo: Montecristo, 2017.

Recebido em: 29/02/2024

Aceito em: 11/06/2024